

Excerto da intervenção de **António Coutinho**, Director do Instituto Gulbenkian de Ciência, por ocasião da atribuição do Prémio Universidade de Lisboa

17 Junho 2008

Pelo segundo ano consecutivo, julgou por bem o Júri deste prémio distinguir a investigação científica em biomedicina. Quando já nada se inventa sem se saber muito, quando toda a tecnologia – incluindo a Medicina – já tem ou vai ganhando uma base científica, ouvimos com frequência defender os investimentos em Ciência porque aqui se encontra a raiz e a fonte de todo o progresso socio-económico. Seja. Mas não nos esqueçamos nunca da frase de Jacobi, numa famosa carta a Legendre sobre as confusões de Fourier: “Le seul but de la science est l’honneur de l’esprit humain”. A Ciência é a filha dilecta da racionalidade e ambas representam o que de mais nobremente humano é segregado por este autêntico tumor evolutivo que é o nosso cérebro: este desejo incansável de compreender, de compreender o mundo e a nós próprios, de descobrir as origens de tudo e a sua evolução, de derivar racionalmente as leis naturais que tudo regem e explicam tudo, incluindo a nós próprios. A nobreza do espírito humano que também se manifesta nesse enorme optimismo, na confiança “ilimitada” na pertinência dos objectivos e na qualidade das abordagens, única via de acesso ao progresso civilizacional, raiz do comprometimento total com tudo o resto. Ou não fosse Giordano Bruno o fundador da Ciência moderna. Incomprometimento radical com dogmas, inquisições e fundamentalismos, com poderes políticos, financeiros e sociais; honra do espírito incomprometido, frágil e pequeníssimo face ao infinito. Giordano defendeu com a vida a honra desse espírito, Jacobi resistia aos avanços do irracionalismo dos românticos. Tal como o movimento “romântico” opôs o seu obscurantismo sensacionista e bucólico ao iluminismo libertador, também os “novos românticos” do “ambiente”, pós-modernos na sua frequente ignorância, no seu “vai-tudismo” metodológico e na sua raiz ideológica, se opõem agora ao “progresso”, que seria o caminho seguro para uma morte certa e colectiva. Torpes ataques à racionalidade, à Ciência e ao Homem, pois disso se trata. Se todo o progresso deriva da inovação e da tecnologia, se toda a tecnologia é hoje de base científica, o futuro do mundo joga-se hoje, mais uma vez, nessa oposição fundamental entre a propaganda do

obscurantismo romântico, reaccionário, “ambientalista” e malthusiano, contra o respeito pela racionalidade, contra a esperança na ciência e no espírito humano. E já perdemos muito tempo, que uma noite secular se perfila, de novo, sobre o mundo livre.

Imagino a satisfação do velho Thales ao ter constatado que o amor ao conhecimento não existe sem o amor à dúvida e sem o direito ao erro. Por isso a Ciência é a grande escola de tolerância, a melhor arma contra todos os fundamentalismos e os cientistas não podem hesitar ao reclamar tais direitos, que estão evidentemente vedados a cirurgiões, engenheiros e pilotos de linha.

A Biologia ensina-nos que a diversidade não-finalista é a nossa grande riqueza, a solução do futuro, qualquer que ele seja, a resposta a todos os problemas. Donde o meu desencanto com a monotonia e a esterilidade de todos os uniformismos, a minha oposição a todas as soluções únicas, segregadas pelo poder em cabeças iluminadas, com policiamento garantido na sua aplicação; donde o meu desrespeito por todas as regras impessoais e cegas a tudo o que cada situação tem de único e irrepitível. O respeito pelos indivíduos encontra aqui, no amor à diversidade, a sua verdadeira raiz, sem lamechices de “amores ao próximo”. Mas é também no amor à diversidade que ganhamos a esperança indefectível que as soluções irão aparecendo, umas melhores que outras, todas pedras no caminho que se vai fazendo na história, “que se vai fazendo ao andar”, “sem destino nem acaso”. Que bom seria que os políticos aprendessem Biologia e assim entendessem Evolução, se apercebessem de toda a sabedoria que se pode derivar da tensão permanente entre a evolução da vida - lenta de milhares de milhões de anos, irredutivelmente não-finalista mas inexorável - e a evolução “cultural”, esta rapidíssima e prenhe de objectivos, mas sem qualquer substracto de irreversibilidade. Então se dariam conta deste amor à vida que nos anima, um bem preciosíssimo e único: Vida há só uma, que apenas uma vez “aconteceu” nos 5 mil milhões de anos deste planeta; por isso mesmo, somos todos – homens, bactérias, eucaliptos e crocodilos, da mesma natureza, produtos do mesmíssimo processo evolutivo. E se hoje somos “os donos do mundo”, se hoje somos os “reis da natureza” de que dispomos a nosso bel-prazer, é por poder e não por direito, é pelo poder que nos

dá este tumor evolutivo que tanto cresceu na nossa espécie, que lá vai segregando alguma compreensão e, sobretudo, o definitivo desejo de compreender. A racionalidade é “a diferença que faz a diferença”, a dama que tanto defendemos, cavaleiros-andantes da ciência; mas é aqui, neste “humanismo não-antropocêntrico”, que melhor encontro a verdadeira raiz do respeito pelo “ambiente” e pela “biodiversidade” que, sem essa compreensão profunda do processo, não passa de uma moda esverdeada e bucólica, cujos temores e catastrofismo revelam o seu inconfessado antropocentrismo e a sua preocupação com uma certa ideia do conforto.

Em Biologia, também aprendemos que o valor maior da diversidade não-finalista deriva da inexorabilidade da emergência de complementaridades entre indivíduos, populações e sistemas diversos. Ora, as complementaridades são o substrato da cooperatividade entre diferentes, processo em que todos ganham, caminho alternativo à pobreza da competitividade entre iguais - gestão de carências que nunca gerou nada de novo. Todas as grandes transições evolutivas, autênticos saltos na qualidade e no “interesse” da Vida, foram de natureza cooperativa, acréscimos de complexidade organizativa, derivada da integração e interdependência das diferenças. Não há dois seres vivos exactamente iguais e esta incomparável diversidade produz, imparavelmente, sucessivos ganhos em cooperatividade e níveis superiores de organização. A Vida é uma flecha no tempo, que irreversivelmente avança para zonas progressivamente mais interessantes, porque mais complexas. Não será isto progresso ?

O Júri distinguiu a Biomedicina, base científica da Medicina moderna, zona franca de trocas entre a Biologia e a Medicina, cuja intensidade nos traz tempos de grande animação e expectativa. Pretendemos “mais Ciência para os médicos”, quando a Medicina “ocidental” se separa definitivamente da tradicional, por valores e abordagens outros que a qualidade das estatísticas. A modernidade na Medicina identifica-se pela compreensão dos processos biológicos na fisiologia e na doença. Hoje sabemos que ninguém adoece por acaso e estamos apostados em compreender os mecanismos genéticos e ambientais geradores de doença, de maneira a desenvolver intervenções racionais (de base biológica) na prevenção e na terapêutica. Mais, hoje aceitamos como desafio legítimo que

ninguém morra de doença, mas de velhice. Ora, os biólogos, ocupados em estudar moléculas e células, têm-se esquecido dos organismos e não sabemos ainda qual a esperança de vida sem doença! É óbvio que a biologia dos organismos tem vindo a ser descurada; donde a extrema importância de trazer “mais médicos para a Ciência”, já que os médicos são especificamente educados e treinados na consideração de organismos inteiros, na sua extrema complexidade.

Este é um prémio que também distingue uma Escola de cientistas, definindo, desde logo, uma atitude exemplar da Universidade de Lisboa ao reconhecer uma escola alternativa. Escolas definem-se, não pelas teorias ou métodos que defendem, mas pelo espírito que encarnam, pelo rol das pessoas que respeitam, pelos valores e atitudes que praticam e promovem. Escolas são processos de transmissão desse espírito e atitudes, desse comprometimento no essencial que aprendemos uns dos outros e nos vai fortalecendo na acção. É meu dever invocar aqui os meus mestres, Goran Möller e Niels Jerne, de quem tudo aprendi e por duas vezes. De quem aprendi o comprometimento nas questões essenciais e na definição de quais são essas questões, atitude que se reforça no compromisso e na cumplicidade com todos os que partilham o projecto, mas também na generosidade e na compreensão das razões de todos os outros. Se alguma coisa ajudei a fazer na vida não foi mais que tentar fazer à minha maneira o que ambos fizeram à sua: encorajar os mais novos a encontrar as suas próprias maneiras e os seus próprios caminhos. Falamos aqui de educação. A extraordinária beleza da irreversibilidade do processo evolutivo só é comparável à inexorabilidade da progressiva complexificação organizativa, geradora de dinâmicas que se enriquecem de tantas bifurcações possíveis. Enorme riqueza esta de não haver nem “blue print” nem arquitecto. A máxima oriental “sem destino nem acaso” resume, melhor que qualquer outra, a vida da Vida no planeta, apenas suplantada pelo verso de Machado “no hay camino, se hace el camino al andar”. Perante a magnífica pureza do processo evolutivo, totalmente isento de qualquer finalidade, os nossos desígnios, individuais e colectivos, fazem pobre figura. Todos menos um: a educação representa a única “saída para a frente”, a possibilidade, também ela magnífica, de contrariar o erro na

conjectura de Lamarck, de transmitir aos novos a experiência adquirida.

Devo aqui agradecer à Fundação Calouste Gulbenkian, a visão, a abertura, o apoio incondicional e não-interventivo, bem como dizer do privilégio que tem sido trabalhar com o Prof Diogo Lucena e do prazer de aprender tanto com ele. E agradecer também à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, sem cujo apoio muito pouco teria sido feito. Quero sublinhar a aposta na formação avançada, em boa hora lançada na segunda metade dos anos 80 e mantida pelos sucesivos governos, que tem sido um magnífico exemplo de visão política. Portugal continua a usufruir de uma “mais-valia” que se faz escassa em todos os outros países socio-economicamente mais avançados: não sendo nem mais inteligentes nem mais burros que todos os outros, o nosso único trunfo é ainda o facto que, ao sair das Faculdades, os melhores estudantes continuam a mostrar desejos de fazer Ciência. É nosso dever histórico, perante o país e perante o mundo, não os defraudar e não deitar a perder as suas expectativas: demos oportunidades a todos que o mereçam de contribuir para o futuro do mundo, falsificando a crítica de Antero à pobreza peninsular e transformando o país num viveiro de cientistas. Quero aqui saúdar a chegada da Fundação Champalimaud a esta cruzada. Naturalmente, é também nosso dever ser inflexível com os medíocres e os oportunistas, com todos os que se servem da Ciência ao invés de a servir.

Se uma Escola se define pelo rol das pessoas que respeita, os seus membros “sabem uns dos outros” e aí encontram a maior retribuição.

Assim, o melhor prémio é estar certo que todos nós olhamos para o céu estrelado e sabemos que nos correm nas veias pedaços de estrelas que já não existem; que ao olhar para o céu azul, mais ainda à luz dos fins-de-tarde de Lisboa, sabemos que o azul é só do infinito. Alguns, ao afirmar-se bem, vislumbram os traços da face ainda jovem de Giordano.